

ORLANDI, Eni. "Sujeito, história, linguagem". In: *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP, 1999. p. 25/55.

A língua, qualquer língua, existe dentro da história. História no sentido de referências de tempo e espaço dentro dos quais as pessoas vivem. No texto de Eni Orlandi, a ideia de pessoas refere-se à noção vinda da Psicanálise de sujeito. Nessa perspectiva, sujeito é o ser capaz de atribuir valor simbólico a tudo que existe no mundo. Uma caneta, por exemplo, para além de sua materialidade e de sua função prática pode ter um valor simbólico de afetividade se a ela alguém associa uma pessoa querida, um momento importante vivenciado. Essa dimensão simbólica faz parte do sentido que atribuímos ao mundo que nos cerca.

Na perspectiva da Análise de Discurso, linha teórica que Eni Orlandi desenvolve no Brasil, ler não é descobrir um significado que está escondido no texto. Aqui nos referimos a texto como qualquer enunciado verbal e/ou não verbal: uma crônica, um conto, uma charge, uma foto, uma imagem etc. Na ótica da autora citada, ler significa criar, atribuir sentido, por outras palavras, interpretar. O leitor/interlocutor projeta sempre sobre qualquer objeto lido o repertório de referências que tem. Nosso conhecimento de mundo e nossos conhecimentos linguísticos são acionados quando lemos. Ler "bem" um texto é, neste sentido, ser capaz de relacionar o que explicitamente aparece no texto com o que está implícito, com o que só conseguimos perceber porque temos um repertório de referências que nos traduz como sujeitos no mundo.

Portanto, ler é muito mais interpretar do que decodificar significado de palavras isoladas ou conhecer regras gramaticais. Na leitura acionamos a memória, selecionamos elementos que possam contribuir para que um texto tenha sentido. O exercício da memória é um processo que envolve lembrança e esquecimento. A língua funciona com esses dois elementos da memória. Para emitir uma frase, fiz uma escolha, deixei de usar uma infinidade de outras possibilidades.

Outro aspecto importante da memória é a repetição. Se não houvesse repetição de palavras, de frases vistas como ideias que movimentamos, não haveria comunicação entre as pessoas, não haveria língua. Entretanto, a língua nunca é igual, nenhum discurso se repete exatamente da mesma maneira porque o contexto de uso, as condições em que é produzido, sempre se modificam. Como mostra Eni Orlandi, a língua movimenta-se entre a repetição e a inovação. A repetição é a paráfrase e a inovação a polissemia. Qualquer língua possui esses dois aspectos para poder ser reconhecida como uma língua viva, em uso.

O lado inovador da língua é a parte imprevista, inquietante que reconhecemos em piadas, em brincadeiras, em poemas e outras manifestações que solicitam um leitor/interlocutor capaz dialogar com significados inesperados. Nesse lado inovador é que Eni Orlandi identifica a metáfora, aqui utilizada com sentido amplo, para identificar os múltiplos deslocamentos de sentido que um sujeito pode criar e utilizar a língua.